



**Arisson Marinho**

foto  
arisson.marinho@rede-  
bahia.com.br



**Marina Silveira**

foto  
marina.ferreira@rede-  
bahia.com.br



## Um olho na pesquisa, o outro na cidade

**E**m 2019, a professora Ana Maria Fernandes conseguiu desenvolver um novo projeto em sua vida. Ao longo da carreira, foram vários. Esse, porém, foi um tanto diferente. "Tirei um mês de férias e foi bem interessante", diz. Ana é professora aposentada da Universidade Federal da Bahia (Ufba) desde 2018. Mesmo assim, não pensa em parar: "Seria como se eu abdicasse de uma parte muito significativa de mim. Até agora, não consigo".

Nem mesmo durante a quarentena imposta pela covid-19, o ritmo foi menos intenso. Enquanto cumpre o próprio distanciamento social, ela dá conta dos compromissos que já tinha e dos novos cenários que foram aparecendo.

Professora da Faculdade de Arquitetura desde 1988, Ana se fascinava pela cidade. Foi o que a fez perceber que era o urbanismo sua maior paixão. "Ainda que a produção da arquitetura sempre indague a sociedade como um

todo, culturalmente, tecnicamente, socialmente, o urbanismo parte do coletivo. Isso sempre me intrigou", explica a professora de 65 anos.

Ana é uma das duas únicas mulheres entre os pesquisadores 1A na Ufba. O dado a surpreendeu. "Não tenho dúvida de que há muitas mulheres com plenas condições de serem pesquisadoras 1A".

Nos últimos meses, com seu grupo de pesquisa, continuou fazendo o acompanhamento das políticas para as cidades. "É um período de aceleração das políticas urbanas e isso gerou uma apresentação no congresso da Ufba", conta, referindo-se ao evento virtual que aconteceu em maio.

### FRAGILIDADES

A pandemia conectou a pesquisa ainda mais à conjuntura atual. Para a professora Ana, as fragilidades nas cidades vieram à tona com muita força nesse momento.

"Se fala que o Brasil resolveu o problema da água, da infraestrutura, da saúde pública. Numa situação como essa, com as características que essa pandemia tem, falta água, falta saneamento, as encostas desabando. Se você tem que lavar a mão e não tem água, é uma situação quase kafkiana", analisa, numa referência ao escritor Franz Kafka.

Paulista de Birigui, aos 17 anos, Ana escolheu Arquitetura e Urbanismo no vestibular da Universidade de São Paulo (USP). A ideia sobre o campo, em sua definição, era bem pueril. Mesmo assim, começou a ter contato com pesquisa já no segundo ano. "A gente vivia uma ditadura militar com expansão brutal das cidades. E um outro elemento nesse processo é o movimento estudantil. Foi massa do movimento estudantil", explica.

Foi nessa época que conheceu aquele que seria um dos motivos para ter decidido vir para a Ufba: o baiano Milton Santos Filho, uma das lideranças do movimento e, como o nome indica, herdeiro do renomeado geógrafo. Os dois se reencontrariam anos depois, em São Paulo. Foram juntos para França e, de lá, decidiram aportar em Salvador.

Ana chegou à capital baiana com um doutorado e a possibilidade de solicitar uma bolsa de desenvolvimento científico. Bateu na porta do mestrado em Arquitetura e Urbanismo da Ufba – era 1985 e o doutorado ainda não existia. "Falei com os professores Pasqualino Magnavita e Eliodoro Sampaio. Eles me acolheram".

Olhar para a cidade a acompanha. "Salvador é uma cidade muito bonita, embora muito desigual. (Meu costume) É sempre observar a cidade", conta.

**ANA DESENVOLVE PROJETOS SOBRE A CIDADE EM MEIO A UMA FAMÍLIA DE PESQUISADORES. SAIBA MAIS EM [HTTP://BIT.LY/ANAMARIAFERNANDES](http://bit.ly/anamariafernandes)**

## O mundo parou mas precisa de gasolina

**E**ra uma semana difícil. O professor Milton Porsani, 67, tinha pelo menos duas viagens para apresentações de trabalho em uma semana. Depois, na semana seguinte, devia concluir um relatório. "Está vendo como é?", comentou, enquanto tentava conseguir encontrar espaço na agenda.

No dia marcado, no final de 2019, levou o CORREIO para conhecer o Instituto de Geociências (Igeo), unidade em que é lotado na Universidade Federal da Bahia (Ufba). Geólogo de formação, tornou-se referência em Geofísica Aplicada. Hoje, pouco mais de seis meses após o encontro, percorrer os corredores do prédio já não é uma cena tão corriqueira. Desde março, está recolhido devido ao coronavírus.

Ainda que suas pesquisas não tenham relação direta com a covid-19, não havia como não terem sido afetadas. Mas nada parou: viagens e reuniões deram lugar a encontros virtuais.

Com o desenvolvimento e aplicações de métodos geofísicos para exploração de petróleo, chegou a um dos pontos mais altos da carreira acadêmica em 2004: se tornou um dos pesquisadores 1A da Ufba no CNPq, sendo um dos três do Igeo. "O Instituto de Geociências tem quatro cursos: Geografia, Geologia, Geofísica e Oceanografia. Ter três pesquisadores 1A é até pouco para a história que temos", diz.

### PETRÓLEO

Nascido em Urupês (SP), cursou Geologia e Educação na Universidade de São Paulo (USP). Logo se aproximou da Geofísica. O doutorado foi na Ufba, desenvolvendo algoritmos para o processamento de dados sísmicos. Ainda hoje, trabalha desenvolvendo métodos para filtração, decomposição e análise subterrânea.

"Trabalhamos com a descoberta do petróleo e, para isso, são envolvidas várias técnicas de tratamento de dados e construção de imagens sísmicas", explica. O assunto pode até soar complexo, mas o professor Porsani responde de forma objetiva: todo mundo precisa de gasolina. "Hoje, o Brasil produz gasolina. Só que, até chegar nisso, existe toda uma cadeia que envolve a descoberta, a exploração".

**O PROFESSOR PORSANI COORDENA UM DOS INSTITUTOS NACIONAIS DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA UFBA - O DE GEOFÍSICA DO PETRÓLEO. CONFIRA EM: [HTTPS://BIT.LY/MILTONPORSANI](https://bit.ly/miltonporsani)**



**Faz parte do nosso objetivo estudar impactos e os cuidados podem ser tomados. Na Geofísica, estudamos a qualidade das rochas geradoras, que são aquelas que podem sofrer estímulos para produzir gás Milton Porsani**

# 73

artigos científicos escritos pelo professor Porsani já foram publicados em periódicos. Ele ainda tem 208 trabalhos publicados em anais de congressos e 12 resumos publicados em anais



**●● Não tenho dúvida de que haverá muitas mulheres na Ufba com condições de serem pesquisadoras 1A Ana Fernandes**

# 16

livros já foram publicados pela professora





# UFBA/ CÉREBROS

[www.correio24horas.com.br](http://www.correio24horas.com.br)



**Marina Silva**  
foto  
marina.ferreira@rede-  
bahia.com.br



**Arisson Marinho**  
foto  
arisson.marinho@rede-  
bahia.com.br



## O geógrafo da História

**N**ão era qualquer banca. Eram nomes como o geógrafo baiano Milton Santos, o pernambucano Manuel Correia de Andrade, o paulista Antonio Christofolletti e o carioca Sylvio Bandeira. Esse foi o grupo que o professor Pedro de Almeida Vasconcelos encontrou, em seu concurso para a cadeira titular de Geografia na Universidade Federal da Bahia (Ufba), em 1987.

"Hoje, estão todos no céu", diz ele, que foi aprovado depois de uma semana de avaliação. Mas Pedro também era

um candidato diferente. Os concursos para titular, normalmente, são prestados por professores que já fazem parte de uma instituição. Mas, à época, o professor Pedro não tinha qualquer vínculo formal com a Ufba. Já dono de um PhD concluído na Universidade de Ottawa, no Canadá, só havia sido convidado a dar aulas no mestrado em Arquitetura como colaborador.

Mesmo assim, decidiu tentar. Em três meses, escreveu uma tese com 160 páginas comparando o transporte público do Brasil com o canadense. Era uma tese diferente da que defendera no Canadá, em 1985, que era uma análise histórica de regiões metropolitanas brasileiras, com pouco mais de 360 laudas.

"Imagine uma tese feita em três meses. Estava cheia de erro até de digitação, porque naquela época era datilografia. Pediam 50 exem-

plares. Para que 50 exemplares? Acho que era para não ter candidato pobre", reflete ele, hoje com 72 anos. "Não fiz concurso para ser titular, fiz para entrar na universidade. E entrei pela porta da frente".

Com tal trajetória, se tornou pesquisador do CNPq em 1987. Em 2001, recebeu a mais alta classificação: a de 1A.

A covid-19 poderia ter interrompido seu trabalho, mas aconteceu o contrário. Com a suspensão de aulas, ele conseguiu acelerar a pesquisa. Ao mesmo tempo, porém, se intensificaram as reuniões e bancas finais por videoconferência. "Como tenho muito material na biblioteca, posso trabalhar em casa", conta.

### URBANO

Natural de Recife (PE), ele cursou Geografia na Universidade Católica de Pernambuco, entre 1966 e 1969. Depois de um

**66 A Geografia tem um olhar importante porque as relações espaciais são diferentes**

Pedro Vasconcelos  
Professor da Ufba e da Ucsal, pesquisador 1A

# 55

artigos completos em periódicos já foram publicados por ele, além de 10 livros.

mestrado em Urbanismo e Planejamento Territorial na Bélgica, voltou ao Brasil. Logo foi chamado para trabalhar na Companhia de Desenvolvimento Urbano da Bahia (Conder). Foi estagiário, técnico, assessor e se tornou diretor-superintendente. A vivência como diretor não agradou.

"Detestei", diz, categórico. "Não tenho perfil. Eu sou um estudioso. Não sou um homem de dar ordem e tal. Imagine, com essa minha timidez, dar ordem para os colegas?", argumenta, com o mesmo tom de voz baixo que manteve em duas horas de entrevista.

A cidade sempre foi o centro de suas pesquisas. Porém, ao mesmo tempo, seu trabalho não é apenas sobre o contemporâneo. Alguns de seus livros se debruçam sobre o período da escravidão no Brasil – mas a escravidão urbana.

Ao contrário da escravidão rural, a urbana oferecia mais alternativas. Os chamados "escravos de ganho" andavam com certa liberdade pelas ruas. Uma vez por semana, davam uma quantia aos seus senhores. "O escravo não podia ter bens, mas deixava em uma caixinha e normalmente comprava a alforria", explica. Ao fim da vigência da bolsa atual, em 2021, ele deve lançar um livro sobre o tema.

Antes, porém, vai publicar O Universo Conceitual de Milton Santos, pela editora CRV, com apoio da Ucsal. "Não quero contar a história dele, mas como os conceitos dele foram evoluindo ao longo do tempo", diz. O lançamento foi adiado devido à pandemia. A nova data ainda será divulgada.

**A PARTIR DA PESQUISA SOBRE ESCRAVIDÃO, O PROFESSOR PEDRO BUSCA ENTENDER A DESIGUALDADE SOCIAL NO BRASIL. CONHEÇA MAIS EM: [HTTPS://BIT.LY/PEDROVASCONCELOS](https://bit.ly/pedrovasconcelos)**

## O engenheiro que desbravou a cibercultura

**N**o início dos anos 1990, a internet ainda era algo novo. Não era só no Brasil – mesmo na França, onde o professor André Lemos cursava o doutorado em Sociologia na Université Paris Descartes, a Paris 5, na capital francesa, era novidade.

Até na França, ele foi um pioneiro: começou a estudar cultura digital em 1991. "Pierre Lévy estava na minha banca. Depois, viramos amigos e ele disse que minha tese foi a primeira sobre o tema", lembra o professor, referindo-se ao sociólogo francês que é um dos mais importantes pesquisadores da cibercultura do mundo.

O título, em francês, era algo como 'Cibercultura – as novas tecnologias e a sociedade contemporânea'. A amizade continua: em 2019, Lévy veio a Salvador para o Fronteiras do Pensamento em um debate mediado pelo professor André. "Uma espécie de inquietação teórica e epistemológica se deu pela mudança de área e estou na Comunicação porque, na Sociologia, a revolução é que as máquinas estavam se



# 16

livros já foram publicados pelo professor André Lemos, que escreveu outros 59 capítulos para publicação. Ao longo da carreira, já orientou 22 mestres e formou 17 doutores. Atualmente, orienta oito pós-graduandos – quatro mestrandos e quatro doutorandos.



**66 Eu faço o que gosto. Me dedico à pesquisa por prazer. Gosto de orientar, de dar aula. Minha dedicação é total. Minha família me acolhe muito bem, compreende minha carga de trabalho** André Lemos

transformando em máquinas de comunicação".

Desde 1997, ele é professor da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Assim como os colegas, o professor teve a rotina alterada pela covid-19. Trabalha de casa e pandemia se tornou assunto de um dossiê lançado por seu grupo, que desenvolve pesquisas sobre fake news e vigilância de dados.

Nascido no Rio de Janeiro, veio para Salvador com os pais. Aos 17 anos, passou para Engenharia Mecânica na Ufba, em 1980. Até então, sua área não tinha muita bibliografia sobre o impacto da tecnologia na sociedade. "A gente sabia como botar as indústrias do Polo (Petroquímico de Camaçari) para funcionar. Era isso que a gente era bem ensinado, mas a minha inquietação me levou para outra coisa", conta.

**ANDRÉ LEMOS DECIDIU BUSCAR A PÓS-GRADUAÇÃO PARA ENTENDER AS TRANSFORMAÇÕES DIGITAIS NA SOCIEDADE. LEIA MAIS EM: [HTTP://BIT.LY/AN-DRELEMOSUFBA](http://bit.ly/andrelemosufba)**